



## SALA DE AULA - ENTRELAÇANDO ENSINO E PESQUISA

## CLASSROOM - INTERWEAVING TEACHING AND RESEARCH

Renata Cavalcante de Oliveira<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Ceará

I

### RESUMO

No final de 2020, iniciei minha jornada como professora de Audiovisual. Este desafio exigiu uma integração eficiente entre minhas responsabilidades acadêmicas e o ensino. Inspirada pela pesquisadora Naira Ciotti, explorei o conceito de professor-performer, o qual busca transformar a sala de aula em um espaço dinâmico de criação artística e educação viva. Em minhas aulas, utilizei imagens pessoais para estimular discussões e interações criativas com os alunos, contrapondo-se aos métodos tradicionais. Esta abordagem permitiu uma rica troca de narrativas e experiências, apesar dos desafios adicionais impostos pelo ensino remoto devido à pandemia.

### PALAVRAS-CHAVE

Educação audiovisual. Professor-performer. Pesquisa. Ensino remoto. Interação aluno-professor.

### ABSTRACT

At the end of 2020, I began my journey as a teacher of Audiovisual Studies. This challenge required an efficient integration between my academic responsibilities and teaching. Inspired by researcher Naira Ciotti, I explored the concept of the teacher-performer, which seeks to transform the classroom into a dynamic space for artistic creation and lively education. In my classes, I used personal images to stimulate discussions and creative interactions with students, contrasting with traditional methods. This approach allowed for a rich exchange of narratives and experiences, despite the additional challenges imposed by remote teaching due to the pandemic.

### KEYWORDS

Audiovisual education. Teacher-performer. Research. Remote teaching. Student-teacher interaction.

---

<sup>1</sup> Renata Cavalcante de Oliveira é Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: renatacavalcantee@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2500-8140?lang=pt> / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5420930695504741>.



Nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você soprar dentro dele o sentido da nossa existência. Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos. Estamos à sua mercê. Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação. Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.

**Lygia Clark (1968, p. 20)**

No final de 2020, iniciei minha jornada como professora de Audiovisual na Rede Cuca<sup>2</sup>, marcando a primeira vez que ocupava oficialmente tal posição. Antes disso, minha experiência se limitava a conduzir oficinas de curta duração. Portar o título de professora, vinculado diretamente ao meu nome, era uma novidade empolgante, uma oportunidade que surgiu por intermédio de uma ex-professora da universidade.

Durante oito meses, me dediquei ao ensino nessa instituição, paralelamente aos compromissos com minha pesquisa de mestrado. Esse duplo compromisso certamente exigia um esforço redobrado. O grande desafio era encontrar uma forma eficiente de integrar estas duas facetas da minha vida profissional. A pesquisa, que explorava a análise e a criação de narrativas a partir de imagens minhas e de meus irmãos montados a cavalo, tinha que ser compatibilizada com a rotina docente.

Aproximei-me do conceito de professor-performer depois de ouvir a pesquisadora Naira Cioti, que participava de uma aula como artista convidada pelo professor João Vilnei, no curso de Design Digital da UFC Quixadá, fato que me impulsionou a encaixar algumas peças do quebra-cabeça que compõe minha experiência como artista e educadora. Naíra é performer, pesquisadora e propõe aproximar educação, arte e vida. A proposta do híbrido professor-performer transforma a sala de aula em um lugar complexo e aberto a experimentações e, desse modo, se contrapõe ao caráter contemplativo e espetacular vinculado ao modelo de educação bancária analisado e criticado em diversas obras por Paulo Freire.

---

<sup>2</sup> A Rede CUCA é uma rede de proteção social e oportunidades formada por um conjunto de três complexos multiculturais, esportivos e educacionais denominados Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, localizados na cidade de Fortaleza, Brasil. Mantidos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. (Rede Cuca, Prefeitura de Fortaleza, Fortaleza, 19 de fev. 2015. Disponível em: <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>). Último acesso em 17 de março de 2022



Os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores”, negando o diálogo, a educação problematizadora, em contrapartida, “funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos” (FREIRE, 2001, p. 69).

Segundo Naira Ciotti em sua dissertação de mestrado defendida na PUC-SP, o professor-performer é aquele que “propõe que o aluno seja produtor em arte” em um contexto em que “ensinar é, acima de tudo, um processo de criação e experimentação” (CIOTTI, 1999, p. 60).

Na proposição criada para um professor-performer, Naira fala de “alto índice de responsabilidade”, mas isso não deve servir como empecilho para que o professor de arte enfrente as dificuldades de repertório e de criatividade de seus alunos. O professor-performer, aqui, é aquele que reconhece na palavra performance a necessidade de “uma atitude pedagógica diferenciada”. (CIOTTI, 1999, p. 28).

Foi então que comecei a me interessar pela possibilidade de ação com as imagens em sala de aula. A princípio, a ideia era bem simples: levar as imagens e ouvir os alunos sobre a percepção que eles tinham sobre as fotografias. Ministrei aulas em oito turmas diferentes, mas só levei as imagens para quatro delas: 1) Vídeos curtos para as redes sociais; 2) Vídeos de marketing; 3) Produção de vídeos para o Youtube; 4) Produção de vídeos com o celular). Além de ter ficado insegura em apresentar as imagens, o que me direcionou a não as ter levado nas primeiras aulas, também tinha a questão da aproximação do tema professor performer, que fui entendendo aos poucos, exigindo uma fase de amadurecimento na minha cabeça.

Na minha trajetória como aluna, não tive a oportunidade de encontrar tantos professores que me dessem abertura para colaboração em sala de aula; na sua grande maioria, foram personas donas da sabedoria absoluta, reflexivos e com um certo ar de autoridade. Apresentar a minha pesquisa em sala de aula era apostar em uma figura totalmente contrária a tudo que tinha vivido: eu estava ali para dialogar, sensibilizar e também disposta a receber as várias narrativas que cada aluno poderia me oferecer.

Isso exigiria uma postura diferente por parte dos alunos. Na educação tradicional, os alunos escutam e recebem a bagagem dos professores, não existe assim tanta troca; claro que falo aqui a partir da minha experiência, foi isso que vivi na



minha caminhada como aluna. A educadora Milene Chiovatto, em artigo intitulado “O professor-mediador”, explica que a mediação deve estar entre o conhecimento e o aluno, como facilitador da construção significativa de um saber coletivo, promovendo o diálogo entre artista e público, obra e espectador.

O professor não é um “vaso”, um receptáculo repleto de informações e conhecimentos a serem dali retirados e dados aos alunos. O professor é um ser pensante e de ação. Através da reflexão e da ação, deve ser capaz de estabelecer ligações entre os conteúdos a serem transmitidos e as demandas e necessidades do processo educativo pelo qual passam seus alunos, suas respostas em relação ao assunto tratado e, na soma disso tudo, reavaliar suas próprias opiniões. Estabelecer ligações, sem impor uma determinada “verdade”, é o aspecto mais delicado da tarefa docente (CHIOVATTO, 2000, p. 17).

Apesar de todas as aulas que ministrei serem no campo do audiovisual, entende-se que existe uma abertura para propor uma metodologia mais ativa, isso na verdade aconteceu poucas vezes. O curso tinha uma ementa fixa, destinada ao mercado de trabalho, e os alunos precisavam produzir um vídeo final que se relacionasse com o tema das aulas para receber o certificado. Eram poucas semanas para alcançar tantos objetivos: curso livre de duas semanas e meia, com carga horária de 33 horas, e a minha proposta de apresentação das fotografias era uma atividade extra à ementa oficial.

As aulas foram todas *online* por conta da situação da pandemia e interagir através de uma tela de computador, confesso, não é tarefa fácil. Imagino que em uma sala de aula tradicional podemos ver a reação dos alunos através de pequenas expressões em seus rostos. Com a sala de aula virtual, eu tinha apenas a minha imagem e os muitos ícones na minha frente. Eu lembro da grande emoção que invadiu o meu coração quando escutei a voz do primeiro aluno que ligou o microfone para interagir. Com toda essa dinâmica remota de sala de aula, era um desafio construir um elo de afeto entre mim e os alunos em tão pouco tempo.

Para todas as turmas, a apresentação das imagens era sempre o primeiro exercício que realizava no início das atividades com o intuito de criar laços de afeto e aproximação. Começo, então, falando do meu percurso como pesquisadora; depois, falo do meu bairro e que sou a filha caçula de seis irmãos.



Eu apresento as imagens da pesquisa e digo: "Essa era eu quando criança". Imediatamente, uma conexão se estabelecia entre mim e os alunos; no chat, surgiam emojis, risadas e corações. Com o tempo, percebi que esse ato de me revelar e falar sobre mim mesmo funcionava como um ritual afetivo de aproximação com as turmas.

Considero essa minha primeira experiência como uma tentativa para constituir uma aula performática – instaurar um espaço de performance. Naíra conta que a performance seria uma espécie de laboratório de experimentações, possibilitando a manifestação de ideias revolucionárias (CIOTTI, 1999, p. 18) e apontou evidências de que tais atividades (lecionar e performar) não seriam completamente inconciliáveis, cunhando o termo híbrido professor- performer.

A pesquisadora explica que uma pessoa lendo em voz alta é um exemplo de uma primeira ocorrência de performance e que a performance pode ser classificada como uma linguagem híbrida, na qual o pensamento artístico se movimenta através de elementos de linguagem sonora, visual e verbal, atualizando no corpo as infinitas matérias, visíveis ou não (CIOTTI, 1999, p. 32 e 33).

Todos os momentos em que apresentei as fotografias em sala foram diferentes, pois a resposta do público é sempre imprevisível. E a performance só existe na hora que está acontecendo (CIOTTI, 1999, p. 17). Apresento novamente as imagens da pesquisa, desta vez todas digitalizadas. A conversão das fotos para o formato digital me levou a refletir sobre os primórdios da fotografia, quando o fotógrafo realizava todo o processo em seu estúdio ou em casa, usando materiais básicos como vidro e sais de prata. Agora, com a evolução para a fotografia digital e a digitalização de imagens, eu possuía uma foto em computação gráfica com milhões de megapixels.

Vou contando as histórias de como achei as fotografias com poucos detalhes para os alunos, com o intuito que se torne uma investigação, um desvendar de algo, e isso se transforme em um gancho para que eles me perguntem algo sobre as fotos. Conto da paixão dos meus irmãos pelos cavalos e fico desejando que os alunos me interroguem para mais detalhes, ou que imaginemos juntos histórias e aventuras para os cavalos. A interação que desejava que acontecesse na verdade ocorreu poucas vezes durante as aulas, em todos os momentos foram uma conversa pelo o chat, os microfones poucas vezes eram ligados, as câmeras nunca eram, era quase uma invasão se eu pedisse que as ligassem.



Eu entendia a dificuldade que os alunos tinham em ligar a câmera e interagir. Tentava tirar dessa situação o melhor que podia como, por exemplo, apelando para eles interagirem no chat; era quase como uma troca. Eu percebia que o chat ajudava a não hierarquizar os grupos, uma vez que, por ele, todas as pessoas tinham a possibilidade de interagir de forma online, mesmo aquelas muito tímidas.

Outra parte curiosa era que o grupo do fundão de uma sala de aula tradicional, aquele grupo da agitação, que interrompia os professores, não existia mais, agora era o oposto, existiam horas de silêncio e muitas vezes apenas eu falando. E o interessante era que se eu falasse de algum assunto que chamasse a atenção dos alunos, sempre tinha alguém com um *link* no chat com um conteúdo que se relacionava com o que estava falando e uma rede de interações se estabelecia na construção coletiva de saberes.

Fui percebendo diferentes modos de aceitação das fotografias, às vezes simplesmente só reagindo com *smiles* no chat, outras colocando algum assunto que se relacionasse às fotografias, alguns alunos respondiam que as imagens pareciam ser tiradas no interior do Ceará e que os faziam lembrar dos seus pais. Diego (18), aluno de produção de vídeos para o YouTube, perguntava se o que falo sobre a história das fotos é verdade ou mentira, questiona se isso faz parte de um jogo. No fim da conversa, ele propôs que eu juntasse as pessoas das imagens e fizesse um canal no YouTube contando todas as histórias.

Já Lívia (18), aluna da mesma turma, perguntava onde era essa fazenda, referindo-se à imagem dos meninos em cima da égua. Digo que não tenho certeza se é fazenda, mas poderia ser; ela usa a palavra “rural” para descrever o que vê na imagem. A conversa com a turma sempre dura em torno de uma hora e eu preciso interromper e dar continuidade ao restante do conteúdo. Por conta disso, pedia para que os alunos trouxessem na aula seguinte algo escrito, ou até mesmo uma imagem, que pudesse expressar o que as fotografias despertaram em cada um deles.

Os alunos sempre me questionavam se isso iria valer nota e eu explicava que não, que na verdade tudo isso fazia parte de uma pesquisa que estava desenvolvendo do mestrado. Essa explicação fazia com que os alunos relaxarem mais e muitas vezes nem participavam do exercício. Desejava muito que eles rompessem um pouco com esse modo de saber/fazer que foca na elaboração de produtos sob a supervisão e



avaliação de uma figura externa; a minha vontade ali era que eles tivessem um momento livre de criação.

Lívia trouxe-me uma espécie de panfleto construído a partir da imagem dos meninos em cima da água; na arte tem escrito: “Já pensou em construir memórias em um lugar incrível?”. E eu senti que de alguma forma tinha acontecido esse momento livre de criação tanto que desejava. Trabalhar as imagens com os alunos foi um momento em que senti uma perda de controle com a pesquisa: entregando as imagens para eles, eu não dominava o que poderia vir para a pesquisa. Antes, as imagens eram só minhas. Depois de compartilhar com os alunos, elas se transformaram em nossas imagens.





Figura 13- Panfleto “Já pensou em construir memórias?”

Já pensou construir memórias em um lugar incrível?

- ✓ Boa localização
- ✓ 2 km do Hotel fazenda Ensolarar
- ✓ Planeje seu lar como você quiser
- ✓ Terrenos amplos

ENTRE EM CONTATO COM A GENTE E CONHEÇA O SEU PROJETO HOJE

[www.ceuespaco.com.br](http://www.ceuespaco.com.br)  
FELICIDADE E QUALIDADE TEM LUGAR VEM PARA O SEU ESPAÇO

Fonte: Lívia de Sousa

A partir do que Naira Ciotti trabalha no híbrido professor-performer, pode vislumbrar outras possibilidades para o desenvolvimento de uma aula fora do contexto da educação formal. Ciotti (1999) propõe que o aluno seja produtor de arte em um contexto em que ensinar é, acima de tudo, um processo de criação e experimentação e, desse modo, se contrapõe ao modelo de educação tradicional no qual os alunos não são protagonistas das suas histórias.





Na turma de “Vídeos curtos para as redes sociais”, Rebeca (20) produziu uma folha de quadrinho com uma pequena história a partir das fotografias apresentadas. Nela, seus personagens fogem de um “macho véi” que aterroriza a cidade. Fiquei curiosa em saber com qual programa ela elaborou a montagem das imagens e a aluna me conta que usou o “Comic Life”<sup>3</sup>. Aos poucos, a sala foi se transformando nesse lugar de troca mútua. Eu aprendo e eles aprendem.

Outra referência muito importante para a minha pesquisa, inclusive para entender a escolha da metodologia de trabalho que é da prática artística compartilhada, é o conceito Arte Relacional<sup>4</sup>, o termo pensando pelo o crítico e curador Nicolas Bourriaud vai explicar que as obras de arte relacional promovem encontros, cujos significados são construídos coletivamente.

Para Bourriaud, o artista é aquele que se esforça para criar conexões, abrir canais, inspirar estados de encontros casuais, práticas de proximidade e contemplar novas formas de socialização. Um ponto importante a ser entendido no conceito de arte relacional é que o espectador não apenas assume os sistemas relacionais implicados pelo artista, mas também reafirma sua relação com o mundo e com os outros indivíduos.

---

<sup>3</sup> Comic Life é um programa de editoração eletrônica criado pelo desenvolvedor de software Plasq. O Comic Life está disponível para Mac OS X e Windows. O programa permite que você crie seus próprios quadrinhos, álbuns de fotos, apresentações e muito mais. Link: <https://comic-life.br.uptodown.com/windows>. Último acesso em 22 de abril de 2022.

<sup>4</sup> Estética relacional Teoria elaborada na década de 1990 pelo crítico e curador francês Nicolas Bourriaud, a estética relacional pode ser definida como plataforma estética e método crítico com base na detecção de certa sensibilidade compartilhada. Na arte relacional, as experiências e repertórios individuais estão a serviço da construção de significados coletivos, o que faz com que a participação do público seja um fator-chave na ativação ou efetivação de tais propostas. Valorizam-se as relações que os trabalhos estabelecem em seu processo de realização e de exibição, com o envolvimento de artistas e do público. Disponível em: [https://www.catalogodasartes.com.br/historia\\_arte/tDc/](https://www.catalogodasartes.com.br/historia_arte/tDc/). Último acesso em 20 de junho de 2022.



Figura 14- Tirinha "A incrível história dos Irmãos Cavalcante"



Fonte: Rebeca Gomes



Essa ação que desenvolvo em sala de aula conversa e dialoga com o trabalho de diversos artistas, como Joseph Beuys (1919-1932). Eu reconheço em parte do trabalho de Joseph esse tipo de relação que o Bourriaud identifica como arte relacional.

Joseph Beuys é artista e também professor de escultura da Academia de Arte de Dusseldorf, Beuys desenvolveu diversos trabalhos, interagindo com ideias discutidas pelo público, e nos seus processos a interatividade era fundamental. PINACOTECA, Pinacoteca: artistas. Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/artistas/joseph-beuys/>>. Último acesso em 22 de abril de 2021.

Na sua obra “Directional Forces”, Beuys instalava, em uma sala, quadros-negros, cavaletes e giz. O público surgia e, então, ele ficava falando sobre suas ideias e escrevia-as nos quadros, interagindo, para a construção da escultura social<sup>5</sup>. Depois de escritas com giz nos quadros, as ideias eram fixadas com *spray* e Beuys colocava os quadros pelo chão do ambiente. As pessoas então andavam sobre os quadros, escrevendo ou complementando com novas ideias. Este era o objetivo, discussão de ideias, uso da palavra, da interação, da mente, do conhecimento, da vivência e do corpo.

Uma das suas célebres frases do artista é: ser um professor é minha obra de arte. MAGDAVICINI, A arte de Joseph Beuys: Pedagogia e Hipermídia. Disponível em : < <https://www.magdavicini.com.br/pt/artigo/a-arte-de-joseph-beuys-pedagogia-e-hipermidia> >. Último acesso em 22 de abril de 2021. O meu trabalho em sala de aula dialoga com o trabalho de Beuys na medida em que a interatividade, a inclusão de ideias é fundamental para os processos. Tendo a interdisciplinaridade como caminho a seguir.

O artista trabalhava com um conceito ampliado de arte em que todo ser humano é um artista. Além disso, para o Beuys, as relações entre professor e aluno deveriam

---

<sup>5</sup> Escultura social é uma frase usada para descrever um conceito expandido de arte que foi inventado pelo artista e co-fundador do Partido Verde Alemão, Joseph Beuys. Beuys criou o termo "escultura social" para incorporar sua compreensão do potencial da arte para transformar a sociedade. (Sítio das fontes, Fortaleza, 23 de março de 2022. Disponível em : <https://www.sitiodasfontes.com.br>). Último acesso em 26 de abril de 2022.



ser transformadas: a comunicação, segundo ele, nunca pode ser vista como meio de apenas uma via do professor para os aprendizes. O professor troca igualmente com os estudantes. As relações mestre/pupilo, transmissores/receptores são relações oscilantes. PINACOTECA, Pinacoteca: artistas. Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/artistas/joseph-beuys/>>. Último acesso em 22 de abril de 2021.

Outro trabalho com o qual dialogo é do artista Ivald Granato, que em 1977 lançou um panfleto que diz: “Adote o artista, não deixe ele virar professor”. Leio o panfleto e penso em inúmeras interpretações, como a precarização da profissão e porque seria tão ruim assim virar professor. Também imagino uma possível recusa dele, como artista, em se enquadrar aos padrões cientificistas associados à figura do professor além de discutir o papel do artista na sociedade. O trabalho que faço com a turma dialoga com o trabalho de Ivald Granato quando tento descentralizar a figura do professor como detentor e transmissor exclusivo de conhecimento. No trabalho do artista, o que mais me interessa é essa possível recusa em não se enquadrar nos padrões associados à figura do professor que só está ali para depositar informações e não receber nada.

Meus hábitos de apresentação das imagens mudam a partir do que construo através dos espaços de escuta da sala de aula, e percebo que à proporção que desmistifico a figura sisuda e autoritária que muitos esperam encontrar em sala de aula a conversa em torno das imagens melhora.

A cada turma que inicio sempre tiro uma história nova sobre as imagens. Percebo que o envolvimento dos alunos vai crescendo através das narrativas que apresento sobre as imagens, família, memórias e cavalos. No *chat*, a movimentação contínua; começo a receber áudios dos alunos no WhatsApp falando sobre carreira, sonhos, desejos de futuro, mesmo eu jamais tendo visto as imagens de nenhum deles com a câmera ligada: sim, as câmeras continuam desligadas.

Acordo com a turma para termos um momento de orientar projetos pessoais dos alunos que se interessarem. Ana, aluna de “Produção de vídeo para o Youtube”, envia-me um roteiro de um curta que deseja realizar após o curso; convenço a aluna a apresentar a proposta em sala de aula para os colegas, relato que isso pode encorajar outros alunos a falarem dos seus projetos. Na hora da apresentação de Ana,



todos ficam atentos escutando a explicação e motivação sobre o seu projeto. Ana deseja contar a história de três amigas que passam a conviver em uma casa durante a pandemia.

Já nas turmas “Vídeo marketing” e “Produção de vídeos com o celular” trouxeram-me o gênero meme para a sala de aula. José (18) e Emerson (20) foram os primeiros. No contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico, que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. MUSEUDOMEMES. Ensaios e entrevistas. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/>>. Último acesso em 08 de agosto de 2021.

O termo foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins em sua obra “O gene egoísta”, de 1976.

Emerson brinca com a imagem desgastada em que eu estou em cima do cavalo de madeira e cria um vídeo narrativo de humor a partir dessa fotografia. No vídeo Ermerson mostra diversas imagens antes de exibir a minha fotografia e depois comenta em tom de brincadeira “tem dias que parecemos o cavalo da princesa e tem dias que aparecemos só o cavalo”. Link do vídeo<sup>6</sup> que o aluno Emerson criou.

José (18) cria um texto a partir da mesma imagem com uma pergunta: “Como dominar o urso?”

---

<sup>6</sup> Vídeo que Emerson criou a partir das imagens: <https://youtu.be/libJiLqdZFE>. Último acesso em 26 de abril de 2022.





Figura 15- Meme “Como dominar o urso”



Fonte: José Alves

Em outra imagem, o mesmo aluno trabalha a fotografia com um software de edição de imagens e faz o cavalo desaparecer.



Figura 16- Meme “O cavalo sumiu”



Fonte: Emerson Paiva

A sala de aula vai se transformando em um lugar aberto a experimentações e, dessa forma, o processo educativo não se configura como algo fechado, a ideia não era chegar em uma conclusão sobre os processos e a respeito das imagens discutidas, mas tornar visível os diferentes pontos de vista, a variedade de discursos que podem estar presentes no pequeno espaço da sala de aula, introduzir a possibilidade de pensar em arte.





## Referências

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **Diário de luto** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e resistência na dadosfera**, São Paulo, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração de André Barbault, [et al.]. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda, 2009.

CHIOVATTO, Milene. **O Professor Mediador**. Artigo extraído do Boletim Arte na Escola, nº 24. Fundação Iochpe. Porto Alegre, Out/Nov, 2000, p. 2, 3, 4, 8. Disponível em: [http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=13](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=13). Acesso em: 01 de junho de 2022.

CIOTTI, Naira. **O híbrido professor-performer: uma prática**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

CLARK, Lygia. **Nós somos os propositores**. Disponível em <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59279/nos-somos-os-propositores>. Último acesso em 03 de maio de 2022.

COMOLLI, J.L. **Sob o risco do real**. In: Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14. ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2012. (Série Ofício de Arte e Forma).

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia**. Trad. Marcius S. Freire, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1998.



FREIRE, A M. A *et. al.* **Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. São Paulo: UNESP, 2001.

GASPARINI, Philippe. “Autoficção é nome de quê?”. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de. “**Fotoperformance #Zero**”. In: FURTADO, Beatriz; DUBOIS, Philippe (org.). Pós-cinema, pós-fotografia. Novas configurações das imagens. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

ROEDORES DE LIVROS. **Tutunho foi a biblioteca**, Fortaleza, 13, dezembro de 2013. Disponível em: <http://roedoresdelivros.blogspot.com/2013/12/tutunho-foi-biblioteca.html>. Último acesso em 14 de abril de 2022.

SÉ, E. V. G. **Tecnologia: manuais de aparelhos devem ter linguagem multimodal**. Portal Vya Estelar, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.